

**Guariba, um laboratório para a agitação política.**

Examinados, em termos bastante amplos, os últimos acontecimentos na região canavieira de Ribeirão Preto, que começaram na cidade de Guariba, constituem uma excelente amostra das dificuldades que serão enfrentadas pelo próximo governo, a partir de 15 de março: isto porque, embora as reivindicações de aumentos salariais e de compensações materiais no período da entressafra pareçam jus, elas são também um excelente pretexto utilizado pelos grupos radicais para demonstrar, às vésperas da reunião do Colégio Eleitoral, o alcance de seu poder de mobilização e provocação.

Neste momento em que praticamente toda a Nação respira aliviada no clima de tranquilidade que envolve o desfecho do processo sucessório, o qual assegura condições para a construção de uma ordem institucional mais estável e duradoura, por que esses grupos estão interessados em gerar tumultos sociais e em provocar tensões políticas, Se todos eles insistem em apresentar-se como democratas, ao menos retoricamente, o que justifica a exploração e a manipulação de uma categoria profissional das mais sofridas sono a finalidade explícita de agitar a etapa decisiva do processo de abertura?

As razões desse comportamento são conhecidas. Para os ativistas, o pior que poderá acontecer é, justamente, o restabelecimento da democracia entre nós. Nos tempos cinzentos do autoritarismo, a insensibilidade e os desmandos dos governantes pretensamente "revolucionários" produziram um descontentamento popular tão grande que os radicais não tiveram dificuldades em encontrar eco para suas palavras de ordem. Com o avanço da distensão, porém, as coisas mudaram. Até mesmo o discurso das principais agremiações oposicionistas mudou de tom, com a transigência e a moderação substituindo uma retórica muitas vezes agressiva na forma e pouco objetiva em seu conteúdo.

A verdade é que a própria expectativa de conquista do poder levou a maioria das lideranças parlamentares oposicionistas a tomar consciência das significativas diferenças existentes entre um simples pronunciamento emitido na tribuna do Congresso e uma decisão do Executivo — dessas que atingem diretamente a vida pessoal de 130 milhões de brasileiros. Os principais oposicionistas, nesse sentido, foram capazes de falar uma linguagem mais precisa, mais clara, mais conseqüente e mais madura — e desse diálogo de amplitude nacional é que emergiu, vitoriosa, a Aliança Democrática. Aos radicais, nesse processo de entendimento de todos os setores sociais e regionais, não restou espaço.

Intransigentes e intolerantes, eles não se limitaram a negar-se ao debate. Mais do que isso, Procuraram caracterizá-lo como um ato político de uma única classe, a burguesia — como se sua teimosia irracional na perseguição a qualquer preço de um purismo trabalhista não fosse, ela própria, uma atitude tão classista como aquela que visam denunciar de maneira arbitrária e irresponsável. O suceder de greves ilegais e meramente provocativas, como as da Ford e da General Motors no final do ano passado, ou como a da Níquel Tocantins, no início deste ano, não passa de uma bem articulada manobra tática destinada apenas a chamar a atenção da opinião pública para grupos por ela já desprezados nas eleições de 1982.

Trata-se, portanto, de uma questão de marketing político. Não tendo compromisso algum com a ordem social e com a estabilidade da Nação, já que lhes é confortável anunciar seu descompromisso com as instituições vigentes, os ativistas podem dar-se ao luxo de fazer o que bem entendem. Agindo assim, os radicais pretendem forçar as autoridades a se valer de seu poder de polícia para restaurar a segurança pública, o que lhes fornece os pretextos de que tanto necessitam para denunciar a violência do "sistema capitalista" e a falta de espírito

democrático dos governantes. Numa palavra: para os radicais, quanto mais tensão, baderna e tumulto... melhor.

Por isso mesmo, como dissemos no início deste editorial, os acontecimentos na explosiva região canavieira de Ribeirão Preto devem ser encarados como uma importante amostra do que poderá vir a ocorrer em todo o País após a posse do próximo governo. Convertida em mero laboratório de experiências revolucionárias, a região tomou-se hoje palco de amplas disputas, das quais a mais significativa não é propriamente a dos bóias-frias com os plantadores de cana e com os usineiros, mas sim a dos radicais entre si.

Os agitadores do PT, as pastorais da terra, as comissões de justiça e paz, os maoístas do PC do B e os inocentes úteis do movimento universitário travam uma verdadeira batalha pelo monopólio das forças totalitárias no Brasil — e quem for mais violento nesse confronto, ao menos na lógica de seus participantes, sagrar-se-á vencedor.

O laboratório de Guariba tem, assim, alguns aspectos perturbadores. Ele revela, por um lado, o alto grau de arbítrio e a tendência totalitária daqueles que, praticando a retórica da democracia popular ou sindicalista, sonham com um regi-me militarista como o cubano ou o nicaragüense. Ele demonstra, por outro, o tipo de provocações e agitações que os novos governantes irão enfrentar desde o primeiro dia de mandato, correndo deste modo o risco de desgastar-se bem mais cedo do que se poderia imaginar no exercido do poder.

Os incidentes de Guariba mostram, com bastante clareza, que o novo governo não pode deixar-se levar pela tibieza na manutenção da segurança pública ou pela ingenuidade das concessões demagógicas, como a recentemente feita pelo candidato da Aliança Democrática ao anunciar sua simpatia pela unidade do movimento sindical de todo o País, apenas com a finalidade de lhe conquistar a simpatia. Mesmo porque, como se pode ver desde hoje, em cada concessão e em cada omissão sempre estará em jogo sua autoridade.

**(Página 4)**